

LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA A PARTIR DA OBRA A ÁRVORE, DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR

*AN INTERDISCIPLINARY APPROACH TO THE LITERARY WORK A ÁRVORE, BY
BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS: READING AND TEXTUAL PRODUCTION*

Tania Maria Nunes de Lima Camara¹, Ana Paula Oliveira Macri Rodrigues²

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

taniamnlc@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8534-4579>

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

anapaulamacri@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0976-9361>

Recebido em 13 de outubro de 2025.

Aceito em 30 de dezembro de 2025.

Resumo: A presente pesquisa parte do princípio de que ensinar a ler e a escrever é uma responsabilidade compartilhada por todas as áreas do conhecimento (Neves *et al.*, 2001), propondo uma reflexão sobre os sujeitos envolvidos na formação de leitores e na promoção da leitura e da produção textual na escola. Na primeira parte, são discutidas as ideias de Guedes e Souza (2001), que defendem que as práticas de leitura e escrita devem ser assumidas pela instituição escolar como um todo, não apenas pelo professor de Língua Portuguesa. Em seguida, o estudo apresenta uma proposta, voltada para a Educação Básica, de aplicação interdisciplinar desses preceitos à obra literária *A árvore*, de Bartolomeu Campos de Queirós. A partir das contribuições de Camara (2012), o trabalho reforça a importância de consolidar a leitura e a escrita como práticas essenciais em todas as disciplinas, destacando as dificuldades dos alunos em compreender textos de forma significativa. Inspirado também por Paulo Freire (1989), especialmente em *A importância do ato de ler*, o estudo conclui que a escola e os professores têm papel fundamental na formação de leitores críticos e sensíveis. Defende-se, portanto, que todos os docentes sejam leitores ativos, capazes de interpretar profundamente os textos, de estabelecer conexões intertextuais, dessa forma, contribuindo para a construção de uma leitura que permita a reescrita do mundo.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Leitura. Produção textual. Bartolomeu Campos de Queirós. *A árvore*.

Abstract: This research is based on the principle that reading and writing are responsibilities shared by all areas of knowledge (Neves *et al.*, 2001), and proposes a reflection on the subjects involved in the training of readers and the promotion of reading and textual production in schools. The first part discusses the ideas of Guedes and Souza (2001), who argue that reading and writing practices should be taken on by the school as a whole, and not just by the Portuguese language teacher. Next, the study presents a proposal for the interdisciplinary application of these precepts to the literary work *A árvore*, by Bartolomeu Campos de Queirós, aimed at basic education. Based on the contributions of Camara (2012), the study reinforces the importance of consolidating reading and writing as essential practices in all subjects, highlighting the difficulties students have in understanding texts in a meaningful way. Also inspired by Paulo Freire (1989), especially in *A importância do ato de ler*, the study concludes that schools and teachers play a fundamental role in training critical and sensitive readers. It is therefore argued that all teachers should be active readers, capable of interpreting texts in depth, establishing intertextual connections, and contributing to the construction of a reading that allows for the rewriting of

the world.

Keywords: Portuguese Language Teaching. Reading. Text production. Bartolomeu Campos de Queirós. *A árvore*.

INTRODUÇÃO

A visão de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, estabelecida por Paulo Freire (1989), é retomada por Bartolomeu Campos de Queirós (2018, p. 86) ao afirmar que “desde o dia do nascimento estamos aptos a lidar com as interpretações. Cada olhar, cada movimento, cada ruído nos remete ao mundo e aos seus significantes”. *A árvore* (2018), obra classificada como altamente recomendável para crianças pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e de autoria do escritor mineiro, suscita inúmeras reflexões e aqui se propõe uma abordagem contemplando leitura e produção textual.

Nessa perspectiva, Tania Maria Nunes de Lima Camara (2012, p. 217) considera ser de grande valia um estudo que busque “estabelecer a leitura e a escrita como procedimentos indispensáveis a todas as áreas do currículo escolar”. Enfatiza também a autora que, “quase sempre, ao término da ‘leitura’, o aluno não é capaz de expor o conteúdo lido, exatamente porque não leu; simplesmente depreendeu formas linguísticas isoladas ou combinadas, sem, no entanto, apreendê-las” (Camara, 2012, p. 220), o que justifica a presente pesquisa cujo objetivo consiste, então, em refletir sobre os atores implicados na formação de leitores e no fomento à leitura e à produção textual, além de propor uma prática pedagógica interdisciplinar.

Partindo do pressuposto de que ler e escrever são um compromisso de todas as áreas (Neves *et al.*, 2001), a primeira parte deste texto sintetiza o que propõem Paulo Coimbra Guedes e Jane Mari de Souza (2001), enquanto a segunda parte sugere uma aplicação dos preceitos desses autores à referida obra literária, em abordagem interdisciplinar direcionada à Educação Básica. Em seguida, sobretudo a partir de *A importância do ato de ler*, de Paulo Freire (1989), tecem-se considerações finais sobre o papel da escola e dos professores na leitura e na produção de textos, defendendo-se que os docentes de todas as áreas sejam também leitores assíduos e

capazes de compreender em profundidade as obras lidas, dessa forma, estabelecendo relações intertextuais e reescrevendo o mundo por meio da leitura.

Leitura e escrita: a quem cabe fomentá-las?

Guedes e Souza (2001) defendem que o ensino de leitura e escrita integra a responsabilidade da escola e que esse deve ser um compromisso de todas as áreas. Isso porque o conhecimento humano encontra-se registrado por meio da escrita, o que reforça a importância de que a escola, não apenas o professor de português, ensine a ler. Por outro lado, a reflexão sobre o conhecimento produzido normalmente se expressa por escrito, daí a relevância de que, de igual modo, a escola assuma para si a tarefa de ensinar a escrever. Na visão desses autores, a tarefa do professor de português é muito específica: “ensinar a ler a literatura brasileira” (Guedes; Souza, 2001, p. 15).

Ao discorrerem sobre o fato de que, “numa primeira instância, ensinar a ler e escrever é alfabetizar, levar o aluno ao domínio do código escrito” (Guedes; Souza, 2001, p. 16), ressaltam que a alfabetização implica o aprendizado de uma nova língua, diferente da língua falada. As duas línguas¹, a língua falada pelo estudante e o português escrito, apresentam regras gramaticais distintas, dentre as quais, a sintaxe e a concordância. Esse pressuposto de que se ensina uma língua estrangeira reflete nas estratégias adotadas, a começar pelo estímulo à familiaridade: “só vamos aprender a ler e a escrever em português se praticarmos bastante a leitura e a escrita em português” (Guedes; Souza, 2001, p. 17).

Por isso defendem os autores que os professores de todas as disciplinas proporcionem aos alunos, em sala de aula, as mais diversas oportunidades de leitura. Ao lerem, os alunos naturalmente descobrirão que a leitura traz não apenas conhecimento, mas também prazer, além de liberdade e até uma vida melhor. Logo, a oportunidade leva ao gosto, que leva à necessidade da leitura e essa se torna, então, um hábito.

¹ Utiliza-se aqui o termo “língua” em sentido não técnico, conforme a formulação de Guedes e Souza (2001), para destacar a distância entre a língua oral efetivamente falada no Brasil e a norma do português escrito. Do ponto de vista linguístico, trata-se de modalidades e variedades de uma mesma língua histórica, e não de línguas distintas.

Apesar de ter sido escrito em 2001, *Leitura e escrita são tarefas da escola, e não só do professor de português* permanece bastante atual ao nos lembrar que a escola é o ambiente em que os alunos encontram-se livres das distrações (em 2001, da televisão; hoje, do celular) além do fato de ser, para a maioria das crianças e jovens, o local em que há oferta de livros. Em seus lares, a aquisição de livros pode não ser uma prioridade, seja por questões financeiras, seja por preferências culturais.

Na visão desses teóricos, não há limite quanto ao que deve ser lido na escola, isto é, em sala de aula, propondo a seguinte reflexão:

Isso é tarefa do professor de português? É. É tarefa do professor de história, de geografia, de ciências, de artes, de educação física, de matemática... É. É tarefa da escola: a escola – os professores reunidos na mais básica das atividades interdisciplinares – vai reservar alguns períodos da semana para que os alunos se dediquem, em suas salas de aula, à leitura individual, solitária, silenciosa de todo tipo de material impresso: livros, jornais, revistas noticiosas e especializadas, romances, contos, ensaios, memórias, literatura infanto-juvenil, literatura adulta, paradidáticos de todas as áreas, textos de todo tipo, enfim, postos à disposição para que o exercício da leitura os transforme em leitores (Guedes; Souza, 2001, p. 17).

Essa estratégia, denominada por Guedes e Souza (2001, p. 17) de “leitura interdisciplinar de formação de leitores”, consiste em exercitar práticas de leitura voltadas à apropriação da língua escrita em contextos significativos, o que levará, gradativamente, tanto à compreensão das regras gramaticais da língua escrita como à apreensão dos conceitos próprios a cada área do conhecimento, perpassando aspectos como construção de enredo e personagens, argumentação e raciocínio lógico. A habilidade da escrita será, por um lado, uma conquista natural, embora não prescindida da intervenção dos professores de todas as áreas.

Com relação ao aprendizado da leitura, distinguem-se o papel da sala de aula e da biblioteca: “a sala de aula é lugar da criação de um vínculo com a leitura, pela inserção do aluno na tradição do conhecimento. A biblioteca é o lugar do cultivo pessoal desse vínculo; lá se processa o amadurecimento intelectual” (Guedes; Souza, 2001, p. 19). Assim, esses dois espaços cumprem funções distintas, porém igualmente essenciais na construção de uma relação significativa e duradoura com a leitura.

Ainda segundo a proposta de Guedes e Souza (2001, p. 19), a leitura orientada pelo gosto ou “pelo prazer de atribuir sentido a um texto” deve ser sucedida pela leitura de textos decisivos para o conhecimento produzido pela humanidade. Essa condução pode se dar por cada professor em sua respectiva área ou por mais de um professor, em um trabalho multidisciplinar². Trata-se de uma “leitura de inserção do aluno no universo da cultura letrada”, favorecendo o diálogo com outros textos lidos, a capacidade de ler em profundidade e de “interpretar textos significativos para a formação de sua cidadania, cultura e sensibilidade” (Guedes; Souza, 2001, p. 19).

A recomendação da escrita, por sua vez, deve ser motivada pela clara intenção de informar, convencer, persuadir, emocionar. Essa visão dá novo sentido à obrigação de produzir redações padronizadas, usualmente requeridas pela escola e, atualmente, no vestibular. O intuito adequado consiste em despertar nos alunos a consciência de que são capazes de tomar a palavra, de se expressarem, de dizerem o que pensam, de retratarem o seu povo e a sua própria história, exprimindo também seus anseios, necessidades e projetos. Desse modo, “acabarão por descobrir que são gente, que têm o que dizer [...], que podem aspirar uma vida melhor” (Guedes; Souza, 2001, p. 19).

Convém que os professores incentivem a escrita com autoria assim como a escuta pelos pares, isto é, a partilha em sala de aula do texto produzido por cada aluno. Ao se depararem com tais textos, os professores de cada disciplina precisam refutar a correção do suposto erro gramatical ou relacionado ao conteúdo, privilegiando a demonstração genuína de interesse pelo que dizem os alunos, pelas suas histórias de vida. Mais do que isso, devem orientar a reescrita no sentido de que suas habilidades de se expressarem de maneira clara e precisa sejam desenvolvidas. Por fim, os educadores incentivarão a leitura de textos de outros gêneros que, de alguma forma, se relacionem com o tema discutido, ampliando a experiência por meio da incorporação de dados novos.

² Utilizam-se, neste texto, os termos interdisciplinar e multidisciplinar conforme a própria formulação de Guedes e Souza (2001). Enquanto interdisciplinaridade designa a concepção de leitura e de formação do leitor, baseada na articulação de sentidos, linguagens e saberes, multidisciplinaridade refere-se à atuação conjunta de dois ou mais professores, no plano organizacional do trabalho pedagógico, sem implicar a fusão conceitual entre as áreas.

Diante do exposto, reconhecemos os inúmeros desafios para a implementação de uma abordagem interdisciplinar voltada à formação de leitores, a ser desenvolvida por meio de práticas que podem envolver a atuação multidisciplinar dos docentes, especialmente em face das exigências curriculares. Por esse motivo, propomos que o planejamento escolar inclua, ao menos uma vez por ano, uma trilha de leitura estruturada, contemplando as etapas que detalharemos a seguir.

A árvore: uma proposta de leitura e produção textual

Segundo Camara (2012, p. 213), “no que se refere à leitura, muitos são os caminhos que conduzem à reflexão dessa prática, os quais, ao mesmo tempo, são conduzidos por ela”. Para desenvolvimento desta parte, apresenta-se a seguir um resumo da obra *A árvore* bem como da trajetória de seu autor, Bartolomeu Campos de Queirós. Acrescentam-se os preceitos da BNCC com relação ao eixo leitura. Em seguida, sugere-se a aplicação à Educação Básica das estratégias defendidas por Guedes e Souza (2001). Ainda que o foco recaia sobre o Ensino Fundamental, absolutamente nada impede sua adaptação à Educação Infantil ou ao Ensino Médio.

A árvore compõe o catálogo infantil da Editora Global e está em sua quarta edição. Em 2011, essa obra recebeu o selo *Altamente Recomendável, categoria criança*, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Trata-se de uma das últimas produções de Bartolomeu Campos de Queirós, que faleceu em 2012. Nas quarenta páginas, flui um texto produtivo em recursos estilísticos. A partir da observação de uma árvore, que serve de morada para passarinhos, insetos e outros seres vivos, são realizadas diversas reflexões. O vínculo afetivo entre o sujeito enunciador e a árvore objeto da sua observação fica evidente em determinados trechos, permitindo compreendê-la como uma metáfora desse relacionamento (Rodrigues, 2023).

Educador por formação, Bartolomeu Campos de Queirós costumava comentar, em entrevistas concedidas, a afetividade naturalmente implicada na relação professor-aluno. Sua vida foi marcada pelo ativismo na formação de leitores. Suas criações, publicadas a partir da década de 1970, estão inseridas no contexto da literatura brasileira contemporânea que promoveu uma mudança na linguagem dos textos para

o público infantil e juvenil. Além de escritor, Queirós pode ser considerado um pensador da cultura e da educação.

A BNCC afirma que a curiosidade em relação à cultura escrita manifesta-se na infância, quando a criança ouve e acompanha a leitura de textos que circulam no ambiente familiar, comunitário e escolar. Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a BNCC (2018, p. 59) recomenda que a “ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos”.

Com relação ao componente Língua Portuguesa, o documento ressalta a centralidade do texto enquanto unidade de trabalho, sugerindo as abordagens enunciativo-discursivas. Dessa forma, visa-se a relacioná-los a seu contexto de produção e desenvolver as habilidades de leitura, escuta e produção textual nas diversificadas mídias e semioses. Na BNCC (2018, p. 71), a leitura se insere em uma dimensão ampla que contempla as imagens estáticas ou em movimento e o som inerente a determinados gêneros digitais.

Retomando Guedes e Souza (2001), detalha-se, a seguir, a proposta desta pesquisa.

a) “A tarefa do professor de português é ensinar a ler a literatura brasileira” (p. 15)

Trabalhar com a obra *A árvore* em sala de aula admite alternar momentos de leitura em voz alta com a participação da turma e de leitura silenciosa pelos estudantes, como se observa no quadro 1 a seguir. Nas aulas da disciplina Língua Portuguesa, a referida composição poética será abordada enquanto obra integrante da Literatura Brasileira.

Quadro 1 – Leitura da obra literária *A árvore* (2018) nas aulas de Língua Portuguesa

AÇÃO	JUSTIFICATIVA	LOCAL	FREQUÊNCIA	RESPONSÁVEL	MÉTODO
Realizar a leitura da obra <i>A árvore</i> (2018)	Para oportunizar aos alunos a descoberta do prazer na experiência da leitura e o hábito de ler	Em sala de aula	No(s) período(s) determinado(s) do calendário escolar	Professor de Língua Portuguesa	Alternando momentos de leitura em voz alta pelo professor, de leitura em voz alta pelos alunos e de leitura silenciosa pelos alunos

Fonte: as autoras (2025)

Por se tratar de uma obra relativamente extensa e que permite diferentes níveis de aprofundamento temático e linguístico, o docente poderá planejar atividades que considerem a complexidade acessível a cada turma. As turmas dos anos iniciais, por exemplo, poderão concentrar-se na leitura das passagens que descrevem os insetos e demais seres vivos que habitam a árvore. Assim, cada ano poderá eleger um grupo específico, como os passarinhos, as borboletas, as cigarras, os grilos, as lagartas, as formigas, as abelhas ou a esperança, entre outros, para desenvolver suas atividades de leitura e produção textual. Por sua vez, as turmas dos anos finais do Ensino Fundamental poderão ser incentivadas a explorar os trechos mais abstratos e metafóricos da obra, aprofundando a interpretação simbólica. Ressalta-se, contudo, que a leitura integral do livro é sempre recomendada como etapa inicial. O objetivo dessa ação é promover o desenvolvimento do hábito da leitura entre os alunos, respeitando seus diferentes estágios de compreensão e maturidade.

b) “E como os professores trabalhariam com esses livros?” (p. 18)

Camara (2012, p. 216) nos lembra que “o aluno brasileiro não lê o quanto seria necessário por motivos ligados tanto a ele quanto à escola”. Em sua visão, com raras exceções, o ambiente escolar não promove adequadamente a leitura, “provocando

mais o afastamento do que a aproximação do aluno em relação ao texto escrito, especialmente o literário”. Por isso, no quadro 2 sugere-se um trabalho regular de leitura.

Quadro 2 – Leitura interdisciplinar de formação de leitores

AÇÃO	JUSTIFICATIVA	LOCAL	FREQUÊNCIA	RESPONSÁVEL	MÉTODO
Disponibilizar aos alunos obras diversas, literárias e não literárias, incluindo revistas, jornais e encartes dos mais variados temas, dentre outros	Para promover a leitura de formação de leitor, isto é, para ensinar o aluno a ler atribuindo sentido a um texto, a apreensão dos mecanismos de funcionamento da escrita	Em sala de aula	Uma vez por semana, durante todo o ano letivo	Professor de cada disciplina	Ensinando a manter a concentração durante a leitura, a conservar os livros, a consultar termos desconhecidos em dicionários; fornecendo indicação bibliográfica para aprofundamento dos assuntos; promovendo trocas de impressões sobre as leituras realizadas

Fonte: as autoras (2025)

Convém que o trabalho com a leitura esteja previsto no planejamento pedagógico de todas as disciplinas e tenha início já nos primeiros dias do ano letivo, estendendo-se ao longo de todo o período escolar. Em um cenário ideal, a instituição de ensino disporia de recursos para formar um acervo diversificado, composto por obras de diferentes temáticas e gêneros textuais, acessível aos alunos em cada sala de aula. Especificamente durante o período de execução do projeto, a oferta de textos que favoreçam a intertextualidade com *A árvore* seria altamente recomendada,

considerando produções que dialoguem temática, simbólica ou discursivamente com a obra, bem como textos de diferentes gêneros, suportes e linguagens, capazes de ampliar o repertório cultural e interpretativo dos alunos e enriquecer as práticas de leitura. Dessa forma, a escola fortalece seu papel na promoção de práticas leitoras significativas, contribuindo para a formação integral e crítica dos estudantes ao longo de todo o processo educativo.

c) “Cada professor, na aula de sua respectiva área (ou dois ou mais professores em trabalho multidisciplinar)” (p. 19)

Tal qual previsto na BNCC, nesta pesquisa considera-se o conceito ampliado de texto, abarcando tanto o produto escrito como o imagético ou o sonoro, dentre outros, como expresso no quadro 3. Assim, agregaria a esta etapa a seleção de músicas, filmes, cartazes, desenhos animados etc., de alguma forma relacionados ao livro *A árvore* (2018).

Quadro 3 – Leitura de inserção do aluno no universo da cultura letrada

AÇÃO	JUSTIFICATIVA	LOCAL	FREQUÊNCIA	RESPONSÁVEL	MÉTODO
Realizar a leitura de outros textos (verbais, visuais, sonoros etc.) de diferentes áreas que, de alguma forma, se relacionem com <i>A árvore</i> (2018)	Para promover a inserção do aluno no universo da cultura letrada e desenvolver a habilidade de dialogar com outros textos	Em sala de aula	No(s) período(s) determinado(s) do calendário escolar	Professor de cada disciplina ou mais de um professor em atuação multidisciplinar (p. ex.: Artes, Ciências, Geografia, História, Ensino Religioso, Música)	Aprofundando a leitura a partir dos textos previamente selecionados pelos docentes; vivenciando a descoberta do conhecimento produzido pela humanidade visando à formação da cidadania, da cultura,

					da sensibilidad e
--	--	--	--	--	-------------------------

Fonte: as autoras (2025)

Sem pretender intervir de maneira contundente nos demais campos, a seguir algumas sugestões. O trabalho com Artes, por exemplo, pode compreender técnicas de leitura da parcela visual aplicadas à referida obra, a exemplo do que propõe Silva (2020). O professor de Ciências poderá trazer exemplos do desenvolvimento da ilustração botânica no Brasil ou abordar os diferentes grupos retratados em *A árvore*, como as classes do Reino Animal (aves, insetos) e organismos de outros reinos, incluindo seres microscópicos, dentre tantas outras possibilidades de abordagem. Considere-se, por exemplo, o seguinte trecho:

Muitos e miúdos insetos se hospedam nas nervuras das ondas e areias da minha árvore. Alguns, só com olhos bem abertos da fantasia posso imaginá-los. Minha árvore – eu li – alimenta os minúsculos seres com invisíveis fungos e cogumelos. Com lupa gigante ou com muitos outros olhos, é possível pressentir o universo que circula em minha árvore, dia e noite (Queirós, 2018, p. 27).

Relacionando esse fragmento ao que nos ensina Paulo Freire (1989) sobre a leitura do mundo preceder a leitura da palavra, por que não incentivar os alunos a visitar jardins munidos de lupas, para observar diretamente plantas, insetos e outros seres vivos em seu ambiente natural? Por que não conduzi-los também à observação de microrganismos em um laboratório, promovendo a leitura sensível e investigativa da realidade concreta que os cerca?

Os professores de Geografia e História podem explorar, nas ilustrações da obra, elementos como as paisagens mineiras e as construções do período colonial, vinculando-os aos conteúdos próprios de suas disciplinas (cf. Rodrigues, 2023). No campo do Ensino Religioso, seria possível estabelecer correlações simbólicas com os baobás, árvores de forte significado espiritual em diversas culturas, ou promover discussões sobre o sentido transcendental presente em *A árvore*. Ao professor de

Música cabe o instigante desafio de selecionar canções que dialoguem com os temas abordados. Destacamos especialmente a intertextualidade³ do trecho “As flores são miúdas, amarelas e falam perfume” (Queirós, 2018, p. 20) com os versos “Queixo-me às rosas / Que bobagem, as rosas não falam / Simplesmente as rosas exalam / O perfume que roubam de ti, ah”, da letra de canção *As rosas não falam*. Trata-se de uma excelente oportunidade para apresentar Cartola às novas gerações, ampliando o repertório artístico e cultural dos estudantes.

Enfim, as possibilidades de abordagem interdisciplinar são vastíssimas. Como destaca Camara (2012, p. 216), “fazer o aluno perceber a importância da leitura no desenvolvimento dos diferentes ramos da atividade humana, incluindo-se nesse universo a construção da cidadania, constitui certamente o maior desafio do professor na sua sala de aula”, reforçando que, entre os principais objetivos da escola, está justamente a formação do leitor proficiente, isto é, aquele capaz de transitar criticamente pelos diferentes saberes que compõem o mundo.

d) “O mesmo para a escrita” (p. 19)

Segundo a proposta de Guedes e Souza (2001), os professores de todas as áreas deveriam proporcionar aos seus alunos a oportunidade de se expressarem com a intenção de informar, convencer, persuadir, emocionar, percebendo que isso lhes dá voz e lhes permite acessar uma condição melhor de vida.

Quadro 4 – Proposta de escrita com autoria

AÇÃO	JUSTIFICATIVA	LOCAL	FREQUÊNCIA	RESPONSÁVEL	MÉTODO
Incentivar a produção textual (sobretudo escrita) com intenção-	Para proporcionar aos alunos inúmeras oportunidades de se expressarem de	Em sala de aula	Durante todo o ano letivo	Professor de cada disciplina ou mais de um professor em atuação multidisciplinar	Incentivar a produção de textos que tenham o objetivo de informar, convencer, persuadir, comover;

³ Cf. Autor 2, 2023, p. 109.

nalidade e autoral	maneira significativa, visando a que tenham uma vida melhor				promover a circulação de textos que retratem as vivências dos alunos (história, cultura, etnia etc.) e que expressem seus anseios, projetos
--------------------	---	--	--	--	---

Fonte: as autoras (2025)

Como evidenciado no quadro 4, os alunos devem ser incentivados a produzir textos de diferentes gêneros. Por que não propor, por exemplo, uma notícia de jornal sobre os insetos observados no jardim? Partindo de um conceito ampliado de produção textual, pode-se, ainda, estimular a composição de poemas, letras de canções, obras artísticas explorando as mais diversas técnicas como colagem, pintura, desenho, trabalho com conchas, com areia, com argila...

Na terra, minha árvore busca sua vida, com profundos e longos braços. A terra escuta e responde às necessidades do meu mar. A terra é exageradamente criativa – eu contemplo (Queirós, 2018, p. 28).

e) “Cada professor lerá esses textos com interesse pelo que dizem e não apenas para corrigir o português ou verificar o acerto das respostas” (p. 19, 20)

Após a correção do professor a respeito do texto produzido e com respeito à intencionalidade dos autores, não com ênfase em evidenciar erros gramaticais ou conceituais, e após agregar dados novos, mostra-se importante direcionar a reescrita, como proposto no quadro 5.

Quadro 5 – Proposta de reescrita

AÇÃO	JUSTIFICATIVA	LOCAL	FREQUÊNCIA	RESPONSÁVEL	MÉTODO
------	---------------	-------	------------	-------------	--------

Orientar a reescrita de textos com acréscimos de novos conteúdos (sugere-se que preferencialmente relacionados à etapa 3 desta proposta)	Para viabilizar que os alunos expressem com mais clareza e precisão o que desejam	Em sala de aula	No(s) período(s) determinado(s) do calendário escolar	Professor de cada disciplina	Realizando leitura e discussão dos textos produzidos pela turma; demonstrando interesse pela mensagem transmitida; solicitando que agregem dados da leitura empreendida a um novo texto a ser produzido após orientação do professor
--	---	-----------------	---	------------------------------	--

Fonte: as autoras (2025)

Neste ponto, sugerimos que, tanto quanto possível, a reescrita seja coletiva além de articulada ao projeto maior da escola. Com relação à disciplina Língua Inglesa, a técnica de *brainstorm*, ou chuva de ideias, poderia ser empregada para compor um poema em inglês elaborado pela turma e que retome o tema *árvore*. O poema criado poderá ser musicado com auxílio do professor de Música. Por que não pensar em um jogral ou em uma peça de teatro? De igual modo, instalações artísticas com trabalhos das turmas envolvendo desenhos, pinturas, esculturas em diferentes materiais, cartazes elaborados com técnicas de design poderiam ser incentivados pelos professores de Artes. O produto resultante desse processo, então, será apresentado à comunidade escolar, incluindo os responsáveis. Uma vez mais, os

exemplos não pretendem ser exaustivos a ponto de limitar a criatividade dos educadores, muito menos a dos alunos.

Uma palavra final aos docentes, inclusive aos de Língua Portuguesa

A leitura literária, quando mediada pela escola, ultrapassa o simples contato com o texto e se constitui em prática formadora, capaz de ampliar o repertório cultural e crítico do aluno. Nesse processo, destaca-se a importância de o professor ser também leitor, pois sua sensibilidade e bagagem influenciam as escolhas de obras e a condução da leitura em sala de aula (Camara, 2012). É nesse horizonte que se propõe o diálogo entre a obra *A árvore*, de Bartolomeu Campos de Queirós (2018), e o texto *A importância do ato de ler*, de Paulo Freire (1989), cuja aproximação revela não apenas a potência estética e pedagógica do texto literário, mas também sua capacidade de promover reflexões profundas sobre o papel da linguagem, da natureza e da experiência de mundo na formação leitora.

Retomando Camara (2012, p. 223) a respeito do trabalho com o texto literário,

O envolvimento com o texto escrito leva, assim, o aluno/leitor a apropriar-se da escrita e das práticas sociais a ela relacionadas. No caso específico do texto literário, constitui um caminho para atribuir a ele uma prática significativa. Nesse aspecto, o papel da escola é essencial. Normalmente, a relação que se estabelece entre esta e a leitura é um ponto importante que gera reflexões, uma vez que o gosto pela leitura, chegando a considerá-la fonte de prazer, revela-se frequentemente, como algo a ser construído, resultado da maneira como o professor desenvolve com seus alunos as atividades que envolvem o texto.

Sobre a importância de que o professor seja também um leitor, Camara (2012, p. 226) põe em relevo o fato de que tal prática lhe propicia “um nível de sensibilidade que muito auxilia nas escolhas de textos para seus alunos, considerando a bagagem que cada um deles traz em termos de vivência com o texto escrito”. Isto posto, *A árvore* (2018) é uma obra que emociona e instiga adultos e crianças (Cf. Rodrigues, 2023).

Essa composição poética admite vários níveis de leitura bem como algumas intertextualidades. Entre as quais, além da já mencionada relação intertextual com a

canção *As rosas não falam*, composição de Cartola, há intericonicidade de capa e contra capa com os mesmos elementos de *Bisa Bia Bisa Bel* (1981), de autoria de Ana Maria Machado e ilustrações e projetos gráficos de Regina Yolanda, como se observa na figura 1.

Fig. 1 – Comparação ente capa e quarta capa das obras *Bisa Bia Bisa Bel* e *A árvore*



Fonte: Machado (1981); Queirós (2018)

Além dos exemplos mencionados, identifica-se intertextualidade com *A importância do ato de ler*, de Paulo Freire (1989). O referido texto, originalmente apresentado como palestra na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, em 1981, insere-se no gênero acadêmico, embora permeado de linguagem simbólica e figurada. Freire (1989) rememora sua infância rodeado de árvores, algumas delas como se gente fossem. Em *A árvore*, o sujeito enunciador personifica uma planta, a quem se refere por meio do pronome possessivo *minha*. Freire (1989) alude à dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias. Em *A árvore*, o som da copa da árvore ao vento é descrito com poeticidade: “A brisa sopra nas folhas e faz ondas na superfície. O barulho das folhas parece água correndo entre cascalho” (Queirós, 2018, p. 6). Esse paralelo revela como ambas as obras mobilizam imagens sensoriais e afetivas da natureza para articular experiências de leitura e de pertencimento ao mundo, em um processo intertextual.

Para exemplificar a primeira leitura que fazia do mundo, Freire (1989) também destaca a observação sobre a cor das folhas, o cheiro das flores, especialmente das rosas e dos jardins assim como a tonalidade dos frutos em momentos distintos. Nas

escolhas de Queirós (2018, p. 26), diversos recursos, especialmente as sinestésias, enfatizam os sentidos como a visão e o olfato: “Fecho os meus olhos, suplicando férias, e as flores amarelas me acordam em sonhos perfumados. Tento sonhar azul, mas o mar das folhas me impede. A sombra da árvore é também verde. Não existe um verde, mas muitas nuances de mar”. A passagem do tempo é retratada em *A árvore*, embora não como amadurecimento do fruto, mas como o avançar das estações do ano. Já em Freire (1989), o universo da infância incluía não apenas as árvores, mas também os animais e os insetos, alguns dos quais também figuram na composição literária analisada. Essas aproximações revelam como ambas as obras constroem, por meio dos sentidos, uma leitura afetiva do mundo, anterior à leitura da palavra.

Daquele contexto imediato de leitura de mundo, Freire (1989) menciona também a presença da linguagem dos mais velhos, suas crenças, gostos, receios e valores, aspectos nem sempre plenamente compreendidos por ele na infância. Em *A árvore*, de modo semelhante, não se observa uma simplificação da linguagem voltada a um público infantil. Assim como ocorre na vida cotidiana, em que a criança é desde cedo exposta às palavras e discursos proferidos pelos adultos, o texto literário apresenta vocabulário e construções sofisticadas, sem recorrer a reduções linguísticas. Freire (1989) aponta ainda a existência de um contexto mais amplo, que, enquanto criança, ele sequer seria capaz de *suspeitar*. Curiosamente, o verbo *suspeitar* também aparece na prosa poética examinada: “Suspeito que minha árvore decifre pensamentos” (Queirós, 2018, p. 25).

O processo de alfabetização é descrito por Freire (1989) como tendo ocorrido à sombra de uma mangueira, no quintal de casa, isto é, antes mesmo da sua chegada à escola formal, cuja primeira professora é descrita com grande afeto. Na obra de Queirós (2018, p. 34), a árvore é comparada a uma “professora verde” e são utilizados vocábulos que remetem ao cotidiano escolar. Uma das leituras possíveis dessa obra implica interpretá-la como alegoria da relação professor-aluno (Cf. Rodrigues, 2023).

Ao comentar sua experiência, Paulo Freire (1989) aborda que a percepção crítica dos textos que lia em classe era obtida com a colaboração do professor de Língua Portuguesa. Mais tarde, ele próprio passaria a atuar como docente nessa área, assumindo como indissociável o elo entre leitura e escrita. Informa que o ensino de

gramática sempre se dava, em suas aulas, a partir de textos. Opina ser melhor se deter longamente sobre poucos exemplares em busca de sua significação profunda do que lê-los superficial ou parcialmente. Reforça a importância dos clássicos, tanto para alunos quanto para educadores. Sintetizando suas reflexões sobre a importância do ato de ler, Freire (1989) reforça que ler implica sempre percepção crítica, interpretação e reescrita do lido.

Assim, ao relacionar as imagens poéticas de Queirós (2018) às memórias e reflexões de Freire (1989), evidencia-se como a literatura pode ser compreendida tanto como espaço de fruição estética quanto como instrumento crítico de leitura de mundo. A intertextualidade entre as duas obras reforça a ideia de que a leitura não se restringe à decodificação de palavras, mas envolve interpretação, sensibilidade e reescrita da experiência vivida. Nesse sentido, a escola, ao valorizar práticas significativas de leitura, assume um compromisso que ultrapassa os limites da disciplina de Língua Portuguesa, envolvendo professores de todas as áreas do conhecimento, para que, juntos, promovam o desenvolvimento crítico, criativo e sensível dos alunos diante dos textos, da realidade e de si mesmos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Mec, 2018.

CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima. Leitura na escola básica: preocupações pedagógicas. In: DARCILIA, Simões (org.). **Língua portuguesa e ensino: reflexões e propostas sobre a prática pedagógica**. São Paulo: Factash, 2012, p. 213-229.

CARTOLA. As rosas não falam. **Um mundo melhor**. Intérprete: Beth Carvalho. RCA Victor, 1976. LP.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

GUEDES, Paulo Coimbra; SOUZA, Jane Mari de. Leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de português. In: NEVES, Iara C. B. *et al.* (orgs.) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 4. ed. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2001, p. 15-20.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. Ilustr. Regina Yolanda. Rio de Janeiro: Salamandra, 1981.

NEVES, Iara C. B. *et al.* (orgs.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 4. ed. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2001.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **A árvore**. Ilustr. Mario Cafiero. 4. ed. São Paulo: Global, 2018.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. A criação poética e a criança. In: ABREU, Julio (org.). **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. 2. ed. São Paulo: Global, 2019.

RODRIGUES, Ana Paula Oliveira Macri Rodrigues. **A árvore, de Bartolomeu Campos de Queirós**: uma experiência afetiva e multissensorial para quaisquer leitores. 2023. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Ler imagens, um aprendizado**. Ed. Canone Editorial, 2020.

Sobre as autoras

Tania Maria Nunes de Lima Camara

Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Associada de Língua Portuguesa da UERJ. Atua nos cursos de Graduação em Letras, Especialização, Mestrado e Doutorado em Língua Portuguesa. Autora da obra *As Múltiplas Faces do Ser Machado: um olhar crítico sobre os nomes próprios*, bem como de artigos e capítulos publicados em livros e periódicos. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Práticas da Expressão Verbal e Não Verbal e Práticas Escolares: leitura, escritura, ensino.

Ana Paula Oliveira Macri Rodrigues

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Letras pela UERJ; Especialista em Língua Portuguesa pelo Liceu Literário Português. Participa do grupo de pesquisa CNPq Encontros com a Literatura Infantil/Juvenil: ficção, teorias e práticas, do Núcleo de Estudos em Literatura Infantojuvenil da UERJ (NELIJ-UERJ), do Projeto de Pesquisa Práticas da Expressão Verbal e Não Verbal e Práticas Escolares: leitura, escritura, ensino e do Projeto de Extensão Publicações NELIJ.